



Deivy passou a concorrer nas provas por influência da mulher, Carla, que desde pequena tem paixão por cavalos no sangue

SEBASTIÃO RIBEIRO

Era um destes dias abafados da primavera gaúcha na simpática localidade de Albardão, interior de Candelária. Escorado na cerca, as botas sobre o arame, Deivy olhava um a um os competidores que se apresentavam no rodeio.

Olhares despreziosos, até uma guria de 16 anos – a única mulher a se apresentar entre os homens – entrar em pista e despertar sua atenção.

– Ela reboleia bem o laço, hein? – comentou Deivy com um amigo.

Ele jura que o comentário saiu sem maldade, ao contrário dos olhares que lançou para a gineira no acampamento do rodeio. Naquele fim de semana, foi só. Em um ano, Carla foi para Deivy apenas imagens de uma menina laçando sobre um gateado ou batendo papo com amigos.

Então veio o rodeio de Rio Pardo. De novo, o calor. A atmosfera era a de uma panela de pressão, aliviada pela tempestade vespertina que virou barracas, dissipou rodas de mate, espalhou prendas e gaúchos. Ainda atônitos e perdidos após a chuva, Deivy e Carla viram-se lado a lado e trocaram palavras sobre uma amiga em comum. Isso foi em 27 de outubro de 2001, aniversário dele. Em 10 de abril de 2002, alguns bailes e encontros depois, Deivy e Carla Flores subiram ao altar.

Hoje os dois – ele com 26 anos e ela com 22 – formam um dos únicos, senão o único, casais de ginetes profissionais do circuito do Freio de Ouro no Estado. Zero Hora foi à ca-

**Freio de Ouro** Carla e Deivy, um casal único porque os dois disputam profissionalmente provas no circuito da raça crioula

# O amor de dois ginetes

banha Malta Martins, em Glorinha, onde os dois moram e trabalham, para conhecer essa história. Um rapaz sem camisa, bermuda de surfista e havaianas abriu o portão. Demorou um tempo para perceber que aquele homem urbano era Deivy. E outro tanto para acreditar que a menina de shortinho, chinelos e camisa pólo rosa era Carla. Definitivamente, ela não é o que se espera de uma mulher cujo trabalho é domar feras 10 vezes maiores. Tem 1,65m de altura, bochechas salientes, olhar dócil e uma forma infantil de pronunciar a letra “s”, encostando a língua no céu da boca. Apenas o corpo compacto e as mãos ásperas de lidar com as rédeas remetem à profissão.

Fica mais fácil reconhecer no casal dois ginetes quando eles saem do quarto em que vivem (dentro do próprio galpão onde ficam as baias) devidamente aparántados com botas de gaúcho, bombachas (a dela com bordados floreados) e chapéu de feltro. Ela usa uma camisa azul de botões, ele, uma pólo. Estão

prontos para trabalhar os cavalos e fazer a foto que ilustra esta página. Ou quase.

– Bota a camisa azul também, para a gente ficar igual – sussurra ela para Deivy.

– Não precisa. Vou ficar com esta. – Então, bota o lenço.

– Ah, não. Tira tu o teu – propõe, sem perder a ternura, Deivy.

Ela, calmamente, retira um lenço do guarda-roupa, dobra-o com esmero, entrelaça o pescoço do marido e dá um nó tão delicado como firme. Delicadeza e firmeza, aliás, parecem nortear o trabalho diário do casal com os cavalos. No treinamento, não usam métodos prontos, mas misturam lições que tiveram na vida. E sempre seguem uma regra: jamais maltratar os animais.

– Eu conheci a Carla em uma credenciadora (*do Freio de Ouro*), no aquecimento, antes da prova. Os ginetes em volta estavam agitados, treinando movimentos. Nesta hora, alguns até batem para deixar os cavalos ligados. Mas ela estava serena,

“a passo”, esperando a hora de entrar – conta Evelise Malta Martins, dona da cabanha.

Deivy sempre foi um guri de cidade que gostava de videogame e bicicleta. Na juventude, trabalhou fazendo xis e cozinhando em uma lanchonete. Eventualmente, ele montava no cavalo do pai, com o qual aprendeu a laçar e começou a participar de rodeios.

Carla tem a paixão por cavalos no sangue. Vem de uma família de ginetes. Aos 20 dias de idade, foi colocada na garupa de um animal por um irmão. Aos 10 anos, outro irmão tirava-a das aulas catequese, aos sábados, para levá-la aos rodeios. Nessa época, ela já tinha um potro, o Pombinho.

Aos oito anos, Carla queria porque queria a égua baia do vizinho. Pediu o presente várias vezes ao pai, mas ouvia sempre a mesma resposta – “é muito cara, não dá”. Até que um dia a fêmea deu cria. Nasceu um potrilho feio como um raio. Apesar de insistir que queria a mãe, Carla teve

de se contentar com o rebento. Mas ainda havia uma barreira.

– Pai, o cavalo é xucro, o que eu vou fazer com ele?

– Tu vais ter de domar.

E assim foi. Com a orientação do pai e dos irmãos, ela domou o cavalo. Aos 11 anos, fez sua estréia nas pistas. Aos 15, já tinha um centro de treinamento em Santa Cruz com as iniciais de seu nome.

Mais tarde, o marido passou a auxiliá-la no local. Deivy foi pegando gosto pela coisa e aprendeu com ela, até tornar-se, ao mesmo tempo, aluno e professor. Ao lado dele, ela sentia-se mais segura para seguir em frente, inclusive diante do preconceito por ser gineira.

– Até hoje, os ginetes novos me olham nas provas e dizem “ah, esta aí veio só para fazer volume”. Os mais antigos já me respeitam. Se eu não conseguir segurar um cavalo, não é um homem que vai conseguir – diz Carla, em tom de voz brando.

Desde o ano passado, Deivy também virou profissional. Em outubro, os dois participaram da credenciadora ao Freio de Ouro de Canguçu – ela montando Justa das Três Argolas e ele, Biduca do Saladeiro. Ambos conduziram seus cavalos ao quinto lugar nas categorias fêmea e macho, respectivamente. Nos próximos meses, o casal concorre numa mesma credenciadora. O sonho é, um dia, chegar à final do Freio de Ouro e – por que não? – vencer a prova.

Data Publicação : 07/01/2007

ClicRBS (selo)